

ESPELHO, ESPELHO MEU: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE ESTÉTICA NEGRA E RACISMO EM SALA DE AULA

Tatiany de Oliveira Simas¹
Josineide Barbosa Pereira²
Normanda Patricia R. de Sá Aragão³

RESUMO

Este estudo, fruto de uma pesquisa-ação realizada em uma escola pública de João Pessoa, teve como objetivo investigar as possibilidades de utilização da estética negra como ferramenta para a desconstrução de estereótipos e a promoção da igualdade racial em sala de aula. Inspirada pela Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, a pesquisa se debruçou sobre a importância de valorizar a estética e a cultura afrodescendente como forma de fortalecer a identidade e a autoestima dos estudantes negros. A fundamentação teórica da pesquisa baseou-se nos trabalhos de Nilma Lino Gomes, que destaca o corpo e o cabelo como ícones de construção da beleza e identidade negra, e de Franz Fanon, que analisa os impactos psicológicos do racismo e a alienação dos sujeitos negros em sociedades dominadas por brancos. A metodologia da pesquisa-ação permitiu uma imersão no contexto escolar, com a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento e na transformação da prática pedagógica. Através de discussões em grupo, oficinas, pesquisa bibliográfica e iconográfica foi possível investigar as representações da beleza negra, os impactos do racismo na autoestima e as mudanças de percepção dos estudantes ao longo do

- 1 Mestre pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, tatiany_simas@hotmail.com;
- 2 Especialista em Literatura e Cultura na Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, josineidebarbosa.barbosa@gmail.com;
- 3 Mestranda do Curso de PROFLETRAS da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, normandapatriicia@gmail.com;

processo. Os resultados da pesquisa evidenciaram a importância de abordar a temática da estética negra em sala de aula como um caminho para a descolonização dos saberes e a valorização da diversidade. As atividades desenvolvidas proporcionaram aos estudantes a oportunidade de refletir sobre os padrões de beleza hegemônicos e de construir uma nova narrativa sobre a beleza negra. Além disso, as discussões sobre o racismo e suas consequências para a autoestima contribuíram para fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade dos estudantes negros.

Palavras-chave: Educação, Racismo, Estética, Identidade, Etnicorracial.

INTRODUÇÃO

A valorização da estética negra em sala de aula, como ferramenta para a desconstrução de estereótipos e a promoção da igualdade racial, tem se mostrado uma questão cada vez mais urgente no contexto educacional brasileiro. A Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, abriu caminho para a inclusão dessas temáticas nos currículos escolares. No entanto, a valorização da estética negra vai além do cumprimento de uma lei, sendo fundamental para a construção de uma identidade negra positiva e para o combate ao racismo.

Inspirada nessa perspectiva, esta pesquisa, realizada em uma escola pública de João Pessoa, teve como objetivo investigar as possibilidades de utilizar a estética negra como ferramenta para a desconstrução de estereótipos e a promoção da igualdade racial em sala de aula. A pesquisa, de natureza qualitativa e com abordagem de pesquisa-ação, permitiu uma imersão no contexto escolar, com a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento e na transformação da prática pedagógica.

A fundamentação teórica da pesquisa baseou-se nos trabalhos de Nilma Lino Gomes, que destaca o corpo e o cabelo como ícones de construção da beleza e identidade negra, e de Franz Fanon, que analisa os impactos psicológicos do racismo e a alienação dos sujeitos negros em sociedades dominadas por brancos. A partir dessas perspectivas, a pesquisa buscou compreender como a valorização da estética negra pode contribuir para a descolonização dos saberes e para o fortalecimento da autoestima dos estudantes negros.

Através de discussões em grupo, oficinas, pesquisa bibliográfica e iconográfica, foi possível investigar as representações da beleza negra, os impactos do racismo na autoestima e as mudanças de percepção dos estudantes ao longo do processo. Os resultados da pesquisa evidenciaram a importância de abordar a temática da estética negra em sala de aula como um caminho para a descolonização dos saberes e a valorização da diversidade. As atividades desenvolvidas proporcionaram aos estudantes a oportunidade de refletir sobre os padrões de beleza hegemônicos e de construir uma nova narrativa sobre a beleza negra. Além disso, as discussões sobre o racismo e suas consequências para a autoestima contribuíram para fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade dos estudantes negros.

Em síntese, esta pesquisa demonstra que a valorização da estética negra em sala de aula é uma ferramenta poderosa para a promoção da igualdade racial e para a construção de uma escola mais justa e democrática. Ao proporcionar aos estudantes a oportunidade de se reconhecerem e valorizarem em sua diversidade, contribui-se para o desenvolvimento de uma consciência crítica e para a superação das desigualdades sociais.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, realizada a partir da pesquisa-ação, visando investigar as possibilidades de utilização da estética negra como ferramenta para a desconstrução de estereótipos e a promoção da igualdade racial em sala de aula. Thiollent afirma que a pesquisa-ação é:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2011, p.20).

Ou seja, permite uma imersão profunda no contexto da pesquisa, possibilitando a participação ativa dos sujeitos envolvidos na construção do conhecimento e na transformação da realidade. Para a coleta de dados, foram utilizadas as seguintes técnicas: Discussões em grupos focais com os estudantes, abordando temas como a percepção sobre a beleza, os padrões de beleza veiculados na mídia e a influência da família e da escola na formação da identidade. Foram realizadas oficinas, a primeira de turbante e tranças e a segunda de fotografia na qual foi registrada as imagens dos estudantes aprendendo a fazer os turbantes e usando-os. Pesquisa bibliográfica: Foi feita uma revisão da literatura sobre os temas de estética negra, educação antirracista e identidade. Pesquisa iconográfica: Foi realizada uma pesquisa de imagens em diversas fontes (livros, revistas, internet) para analisar as representações da beleza negra na mídia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo foi realizado em uma escola pública de João Pessoa, com a participação de 50 estudantes do ensino médio. A escolha da escola se deu pelo

contato diário que tenho com os estudantes, uma vez que leciono história nessa instituição, essa escolha tem relação com o que propõe Thiollent (2011) já que ele entende que os sujeitos envolvidos na pesquisa atuam de forma colaborativa em todas as etapas do processo, desde a definição do problema até a implementação das soluções. A escola está localizada na periferia de João Pessoa, as turmas que analisei eram formadas por jovens entre 14 e 16 anos de idade predominantemente pretos e pardos. As salas de aula possuem um número médio de 25 a 30 alunos. As atividades que envolviam a pesquisa ocorreram uma vez por semana, com duração em média de duas aulas, aproximadamente duas horas de duração. Participaram das atividades duas turmas da primeira série do ensino médio.

A proposta das atividades surgiu da observação da relação entre os estudantes com outros estudantes e de professores com estudantes. Percebi que apesar de a maioria dos estudantes ser negra, muitos não se identificavam com essa identidade e sentiam vergonha de suas características físicas. Isso está relacionado ao que Franz Fanon entende por consequências psicológicas do colonialismo e do racismo sobre os indivíduos negros, a internalização da opressão, que se manifesta na forma de vergonha e auto depreciação por parte dos colonizados. Essa falta de reconhecimento e autoestima era agravada por experiências racistas frequentes tanto dentro como fora da escola, incluindo o ambiente familiar e espaços de lazer.

Os estudantes se xingavam com frequência, utilizavam de apelidos e brincadeiras de cunho racistas, as meninas pardas e principalmente pretas tinham dificuldade de namorar na escola, ficava evidente que em muitas situações isso se dava por terem o tom da pele mais escuro. Muitos professores também ignoravam a necessidade de estudar e incluir uma educação etnicorracial em suas ações e até reproduziam o racismo de maneira natural. Diante de todo esse contexto entendi que era necessária uma intervenção. Mesmo sabendo que essa é uma temática que deve ser abordada no cotidiano da escola como determina a lei, compreendi que reforçar isso em uma atividade específica seria importante ao mesmo tempo que incluía conteúdos sobre o tema no dia a dia da sala de aula. Solicitei auxílio de outras duas professoras da área de linguagens e elas toparam.

Os primeiros momentos das aulas foram para apresentar aos educandos a proposta das atividades e verificar em coletivo o projeto e o objetivo do mesmo. Os estudantes se interessaram pela proposta, mas não demonstraram ânimo.

Juntos decidimos em qual horário e em quanto tempo poderíamos desenvolver o projeto. Também foram os próprios estudantes que propuseram uma oficina de fotografia.

E assim se sucedeu, organizamos as aulas, e durante duas aulas por semana, ao longo de três meses tínhamos nosso encontros. O trabalho foi desenvolvido no segundo bimestre de 2023, aliado a disciplina de história, português e literatura e incluído também como forma de avaliação qualitativa. As professoras das disciplinas de português e literatura, atuaram no desenvolvimento do projeto. Nos reuníamos uma vez por semana para organizar como seriam realizadas as atividades.

Os resultados do projeto foram sistematizados em categorias analíticas para organizar e ilustrar as principais descobertas e impactos das atividades. A participação dos estudantes, as reflexões sobre estética e identidade negra, e as percepções sobre racismo foram avaliadas por meio de observações, debates e atividades práticas. Os resultados mostram um envolvimento significativo e reflexivo, ainda que com alguns desafios iniciais.

1. Participação dos Estudantes

Esta categoria analisa o grau de engajamento e envolvimento dos estudantes nas atividades propostas ao longo do projeto.

Atividade	Participação dos estudantes	Observações qualitativas
Apresentação do projeto	Moderada	Inicial resistência, com alguns alunos expressando relutância em discutir identidade negra.
Exibição do filme “Cores e Botas”	Alta	Discussão ativa, com exemplos pessoais sobre padrões estéticos e sua relação com a mídia.
Criação do grupo de debate no whatsapp	Alta	Interação frequente no grupo, com os alunos utilizando o espaço para compartilhar ideias.
Vídeo “Estética e Cabelos Afros”	Alta	Relatos pessoais sobre preconceito e aceitação, gerando reflexões profundas.
Análise da música “Olhos Coloridos”	Alta	Reflexões sobre a música e sua influência na identidade negra, com exemplos de outros artistas.

Atividade	Participação dos estudantes	Observações qualitativas
Roda de debate sobre racismo e estética negra	Moderada	Debates intensos sobre racismo institucional, com produção de textos ao final.
Exibição do vídeo “O Lado de Cima da Cabeça”	Alta	Depoimentos emocionados sobre lutas pessoais com a aceitação da estética negra.
Discussão sobre o movimento “Black is Beautiful”	Moderada	Pouca familiaridade com o tema, mas discussões ricas sobre identidade e influência estética.
Exibição do filme “Jeniffer: Menina Mulher da Pele Preta”	Alta	Discussões sobre autoestima e racismo na escola, com muitos alunos se identificando com a personagem.
Oficina de turbantes e tranças	Alta	Envolvimento prático, com dinâmicas e produção de fotos para exposição.
Exibição do vídeo “Thaís Araújo nas Ondas do Cabelo Dela”	Alta	Reflexões sobre padrões de beleza e mídia, com debates sobre preconceito racial.
Culminância do projeto: Exposição com fotos com foram feitas durante oficinas.	Alta	Alunos selecionando as fotos para exposição, promovendo autoestima e valorização da beleza negra.

2. Discussão sobre Estética Negra e Padrões Estéticos

Durante as atividades, ficou evidente que os estudantes estavam dispostos a discutir a influência da mídia nos padrões estéticos e como esses padrões afetam a autoestima, especialmente entre jovens negros. A exibição de vídeos como “Cores e Botas”, “Estética e Cabelos Afros” e “Jeniffer: Menina Mulher da Pele Preta” foi crucial para abrir o diálogo sobre a valorização da estética negra e as barreiras enfrentadas por muitos estudantes na aceitação de sua própria identidade.

Dados Empíricos: Em atividades como a exibição de “O Lado de Cima da Cabeça” e as oficinas de turbantes e tranças, muitos alunos compartilharam suas experiências com preconceitos relacionados aos seus cabelos e aparência. Esses relatos mostraram como os padrões de beleza impostos pela sociedade afetam diretamente sua autoestima e sua forma de se perceber.

3. Identidade Negra e Resistência Inicial

Um dos desafios observados no início do projeto foi a resistência dos estudantes em se identificarem como negros, apesar de a maioria ser

afrodescendente. Este aspecto foi identificado durante as primeiras atividades, como a apresentação do projeto e os debates iniciais.

Dados Empíricos: Durante a apresentação do projeto muitos alunos expressaram desconforto com o termo “negro”, revelando um processo de negação de sua identidade racial. No entanto, à medida que o projeto progredia, as atividades sobre estética e identidade afro-brasileira promoveram uma maior aceitação e valorização de suas origens.

4. Reflexões sobre Racismo e Preconceito

As rodas de debates e atividades focadas no racismo, como a discussão sobre o movimento “Black is Beautiful” e as teorias racistas que prevaleceram no Brasil no final do século XIX, mostraram a importância de se estudar as raízes históricas do preconceito no país. Os alunos começaram a compreender melhor como o racismo se manifesta nas instituições e na sociedade como um todo.

Dados Empíricos: A roda de debate revelou que muitos alunos não haviam refletido sobre o racismo institucional antes das atividades, mas, ao final do debate, perceberam como a sociedade perpetua discriminações de forma sutil.

5. Valorização da Estética Negra e Autoestima

Um dos principais resultados foi o aumento da autoestima entre os alunos negros ao longo do projeto. A oficina de turbantes e tranças, aliada à sessão fotográfica, foi uma oportunidade prática para os alunos celebrarem suas características físicas e suas heranças culturais.

Dados Empíricos: O envolvimento nas oficinas e a culminância do projeto com a exibição das fotos, demonstraram um fortalecimento do orgulho racial e uma mudança positiva na forma como os estudantes se viam.

A participação das professoras de Português foi crucial, sobretudo no momento em que os alunos foram incentivados a expressar suas reflexões por meio da escrita. Ao longo do projeto, diversas atividades de interpretação de textos e análise de canções permitiram que os estudantes desenvolvessem habilidades linguísticas, ao mesmo tempo em que refletiam sobre questões sociais. A oficina de interpretação da música “Olhos Coloridos”, por exemplo, foi um momento em que a linguagem e o conteúdo se entrelaçaram, proporcionando

uma reflexão sobre o papel da música na construção da identidade negra e no enfrentamento ao racismo.

A interdisciplinaridade também foi observada nas discussões sobre a estética negra e os padrões de beleza, temas que perpassam tanto a História quanto a Língua Portuguesa. Essa conexão entre disciplinas ajudou os alunos a compreenderem que o racismo e a exclusão social não são fenômenos isolados, mas estão presentes em diversas esferas da vida cotidiana, desde a mídia até o próprio vocabulário usado para descrever o corpo negro.

COMPORTAMENTO DOS ESTUDANTES AO LONGO DO PROJETO

No início do projeto, foi notável a resistência por parte de alguns alunos em discutir questões raciais. Muitos deles demonstravam desconforto ao serem confrontados com o termo “negro” ou ao reconhecerem a própria identidade racial. Isso reflete o que Nilma Lino Gomes (2001) discute em “O Corpo Negro e a Educação”, ao apontar que muitos estudantes negros, devido à ausência de representatividade e valorização de suas características físicas, acabam internalizando o racismo e rejeitando sua própria identidade.

Conforme o projeto foi avançando, especialmente após a exibição de vídeos como “Cores e Botas” e “Estética e Cabelos Afros: Espelho, Espelho Meu”, foi possível observar uma mudança no comportamento dos estudantes. Eles começaram a participar de maneira mais ativa nas discussões, compartilhando suas experiências pessoais e refletindo sobre os padrões estéticos impostos pela sociedade. Um dos momentos mais marcantes foi quando os estudantes puderam falar sobre suas próprias vivências com seus cabelos e a pressão para se conformarem a um padrão de beleza eurocêntrico. A partir desses depoimentos, ficou evidente que muitos alunos, que antes demonstravam resistência, passaram a se identificar com os problemas retratados nos vídeos, reconhecendo-se nos desafios enfrentados pelos personagens.

O comportamento dos alunos entre si também sofreu alterações ao longo do projeto. Inicialmente, observou-se que alguns alunos faziam brincadeiras constrangedoras sobre a cor da pele e o tipo de cabelo uns dos outros, o que demonstra a internalização de preconceitos raciais que permeiam o ambiente escolar. No entanto, à medida que as atividades avançaram e os debates se intensificaram, esses comportamentos diminuíram. Os alunos começaram a se posicionar de maneira mais respeitosa, reconhecendo o impacto negativo das

palavras e ações racistas. A roda de debates sobre estética negra e racismo, foi um marco nesse processo, pois proporcionou um espaço seguro para que os alunos pudessem expressar suas opiniões e refletir sobre a origem do preconceito racial no Brasil, como discutido por Frantz Fanon (2008) em “Pele Negra, Máscaras Brancas”.

A oficina sobre turbantes e tranças, com a participação das integrantes do NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas) da Universidade Federal da Paraíba e da fotógrafa Nih Fernandes, foi outro ponto alto do projeto. Ela reforçou a ideia de que a estética negra não é apenas uma “moda”, mas sim uma manifestação cultural e histórica que deve ser valorizada e respeitada. Durante essa atividade, os alunos puderam se envolver de forma prática, e muitos expressaram, pela primeira vez, orgulho de suas características físicas e da história que carregam. A sessão fotográfica, em particular, foi um momento de valorização da identidade negra, onde os estudantes se sentiram valorizados e representados.

Os resultados do projeto indicam uma evolução significativa na forma como os alunos passaram a lidar com questões relacionadas à identidade racial e à estética negra. Utilizando a perspectiva de autores como Kabengele Munanga (2019), que discute a formação de identidades afrodescendentes no Brasil, pode-se dizer que o projeto contribuiu para desconstruir preconceitos internalizados e para a valorização da identidade negra.

A análise das atividades mostrou que o debate sobre estética e padrões de beleza foi crucial para que os estudantes compreendessem o impacto da mídia na construção de ideais de beleza que, muitas vezes, não refletem a realidade brasileira. A contribuição de teóricos como Stuart Hall (2015), que analisa como os discursos midiáticos influenciam as construções de identidade, foi fundamental para entender o papel das atividades no desenvolvimento crítico dos alunos.

Entretanto, é importante destacar que o projeto enfrentou desafios, como a resistência inicial de alguns alunos em se identificarem como negros, o que reforça a necessidade de um trabalho contínuo nas escolas para que se desfça o imaginário racista ainda presente na sociedade brasileira. Esse processo de desconstrução, como aponta Silvio Almeida (2019) em seus estudos sobre racismo estrutural, é lento, mas essencial para promover uma educação que valorize a diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação das professoras de Português e o caráter interdisciplinar do projeto foram fundamentais para o sucesso da iniciativa. O envolvimento de diferentes áreas do conhecimento permitiu que os alunos desenvolvessem uma visão mais ampla e complexa das questões raciais, compreendendo-as não apenas como problemas históricos ou sociais, mas também como algo que permeia suas vidas cotidianas. As discussões sobre racismo institucional, estereótipos estéticos e a influência da mídia ajudaram os estudantes a reconhecerem a importância de desconstruir preconceitos e valorizarem sua própria identidade.

Ainda que o tempo dedicado ao projeto tenha sido limitado, os resultados mostram que houve uma mudança significativa no comportamento dos alunos, tanto em relação a si mesmos quanto na forma como interagem uns com os outros. O desenvolvimento da autoestima e da autoconfiança foi evidente, especialmente entre os estudantes negros, que passaram a reconhecer sua beleza e valor. Contudo, como aponta Nilma Gomes (2001, 2003), essas ações precisam ser contínuas e permanentes no contexto escolar para que possam, de fato, promover uma transformação duradoura.

O uso da metodologia de pesquisa-ação, conforme discutido por Thiollent (2011), mostrou-se eficaz ao integrar teoria e prática, possibilitando que os alunos fossem protagonistas no processo de aprendizagem e mudança social. Essa participação ativa foi essencial para o sucesso do projeto e deve servir como exemplo para futuras iniciativas voltadas à promoção da igualdade racial no ambiente escolar.

Em suma, o projeto foi bem-sucedido em plantar uma semente de valorização da estética negra e do orgulho racial entre os alunos, ainda que o tempo disponível para o desenvolvimento das atividades tenha sido curto para causar transformações profundas e duradouras. Contudo, a continuidade de ações semelhantes pode contribuir para um ambiente escolar mais inclusivo e consciente das questões raciais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. 3ª ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen Livros, 2019.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008

GOMES, Nilma. Lino. (2001). **O corpo negro e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica. GOMES, Nilma. Lino. (2003). **A beleza negra nos livros didáticos**. Belo Horizonte: Autêntica.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2011

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39 -40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2020.